



# VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

## CONTAÇÃO DE HISTÓRIA: UM ESPAÇO PARA PROMOÇÃO DA LEITURA E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

*Clínia Cássia Barros<sup>1</sup>*

*Rosimeire Bernardo da Silva<sup>2</sup>*

**Resumo:** Abordar a história e cultura afro-brasileira é dar visibilidade as perspectivas, valores e saberes que foram marginalizados por serem diferentes do padrão estabelecido como o ideal. Proporcionar esse debate é estimular o respeito às diferenças, buscando tornar a escola um ambiente inclusivo em que educandos/as negros tenham outras concepções sobre a sua história e possam, mediante esse trabalho, desenvolver uma visão positiva sobre si e sua ascendência. Nesse sentido, a implementação da Lei 10.639/03 é um passo em direção à inclusão da diversidade e relações etnicorraciais na escola, uma vez que conduz os educandos/as ao conhecimento da sua história e ancestralidade, favorecendo o diálogo entre as diversas culturas. Vemos na literatura uma oportunidade de despertar nos alunos/as o gosto pela leitura, ao mesmo tempo em que a utilizamos como forma de promover a valorização da cultura negra. É refletindo sobre o espaço e atuação do negro na sociedade contemporânea que criamos um grupo de contação de histórias, Inverso, cujo principal objetivo é promover a leitura de narrativas que abordam a temática negra, na tentativa de mediar encontros entre o nosso público e histórias protagonizadas por personagens afrodescendentes. Dessa forma, este trabalho propõe-se a investigar, como essas histórias são recebidas pelas crianças do ensino fundamental da Escola Municipal Laura Pereira da Silva do município de União dos Palmares/AL, especificamente a Menina de Barro da escritora Giannina Bernardes que conta uma história baseada em fatos verídicos, a saber a enchente que atingiu várias cidades de Alagoas e Pernambuco em 2010.

**Palavras-Chave:** Leitura, Identidade, Lei 10.639/03, Contação de história.

### INTRODUÇÃO

Refletir sobre a atual realidade escolar do município de União dos Palmares, no que diz respeito a formação de leitores e afirmação da identidade negra, nos fez perceber que a maioria dos educadores não desenvolvem, de maneira eficaz, um trabalho direcionado a leitura de textos literários e, principalmente, de texto que estejam inseridos no universo da literatura africana e afro-brasileira. Infelizmente ainda nos deparamos com professores presos a uma pedagogia tradicional que impõem a leitura em vez de trabalhá-la de forma livre, isto é,

---

<sup>1</sup> Acadêmica do 8º período do curso de Letras Português e suas Respectivas Literaturas pela Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL.

<sup>2</sup> Acadêmica do 8º período do curso de Letras Português e suas Respectivas Literaturas pela Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL.



# VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

uma leitura por prazer, levando em consideração o mundo do aluno e possibilitando que este habite e conheça outros mundos. A imposição da leitura apenas contribui de maneira significativa para o desencanto que culmina no crescente número de educandos que não gostam de ler. Não esquecendo de mencionar a falta de formação de alguns educadores para se trabalhar assuntos relacionados à descendência negra.

Eis alguns dos problemas que nortearam a construção da nossa pesquisa, visto que com base nas oficinas de leitura promovidas pelo grupo de contação de história Inverso, tentamos compreender o porquê de tantas crianças, bem como adolescentes não demonstrarem interesse pela leitura nem, tão pouco, pela história de sua ascendência negra. Diante disso, buscamos desenvolver um trabalho que promovesse a leitura, do mesmo modo que possibilitasse ao aluno/a o conhecimento e, posteriormente, aceitação de sua herança negra.

Este trabalho pretende discutir a importância da Lei 10.639/03 para afirmação da identidade negra, do mesmo modo que apresenta como o livro *A menina de Barro* da escritora Giannina Bernardes foi recebido pelos alunos/as da Escola Municipal Laura Pereira da Silva situada no município de União dos Palmares. Não esquecendo de mencionar que ainda tecemos algumas considerações acerca da importância do trabalho desenvolvido pelo grupo Inverso no que diz respeito a promoção da leitura.

## **LEI 10.639/03: IDENTIDADE E DIVERSIDADE**

As ações afirmativas são um passo em direção da diminuição da desigualdade em nosso país. A educação nesse sentido é uma importante ferramenta para a transformação dessa realidade. A Lei 10.639/03, que se insere especificamente no contexto escolar, sinaliza uma alternativa à perspectiva eurocêntrica que guia o currículo escolar ao tornar obrigatório o ensino de História e Cultura afro-brasileira. Em um país com a maioria da população composta por negros e afrodescendentes, torna-se necessário reverter a invisibilidade a qual essa parcela da população foi condenada. A escola é o lugar propício para iniciar essa mudança, pois é onde se constrói e se reafirma o projeto de sociedade vigente. A diversidade presente na formação histórica e social do país deve estar presente também no âmbito escolar, do contrário, a invisibilização das diferenças, disfarçadas sob o manto da democracia racial, continuará travancando o processo de construção identitária da população afrodescendente.



A identidade se constrói a partir da tomada de consciência das diferenças. A percepção do outro auxilia a percepção de si mesmo. Ao olharmos para o outro nos descobrimos, esse processo gera referências, essas referências são pontos para o quais o sujeito recorre em momentos de conflito. Entretanto, é necessário compreender que hodiernamente as identidades não são mais fixas. Segundo Hall (2004) as “velhas identidades” estão em crise. O autor cita em seu trabalho três concepções de identidade: do sujeito do iluminismo, do sujeito sociológico e do sujeito pós-moderno. A identidade para o sujeito do iluminismo era tida como algo que já nascia com ele e se desenvolvia à medida em que ele crescia. Era algo centrado e imutável e estava relacionado apenas ao indivíduo. Para o sujeito sociológico a identidade relaciona-se com o seu mundo exterior, isto é, a sociedade da qual o sujeito faz parte. Desse modo, a identidade constitui-se a partir da internalização dos valores e significados que esse grupo mantém. Para o sujeito pós-moderno, porém, a definição da identidade torna-se um processo mais complicado, porque ele está exposto a um contexto mais diversificado que os sujeitos anteriores. As características e certezas de uma determinada comunidade estão agora em diálogo com a cultura de outras comunidades, e nesse confronto de valores e culturas, as certezas dos indivíduos vacilam.

Esse encontro de culturas, inevitável para qualquer indivíduo da nossa época, nem sempre é pacífico. A postura diante das diferenças, daquilo que o outro nos traz, nem sempre é de acolhimento, geralmente persiste a reprodução de ideias pré-concebidas sobre esse outro. Uma vez que o convívio com as diferenças é inevitável, é necessário que o sujeito esteja preparado para essa demanda. O ambiente escolar, portanto, é o lugar favorável à formação desse indivíduo, uma vez que, como afirma Gomes (2007):

Durante toda a nossa vida realizamos aprendizagens de naturezas mais diferentes. Nesse processo, marcado pela interação contínua entre o ser humano e o meio, no contexto das relações sociais, é que construímos nosso conhecimento, valores, representações e identidades. Sendo assim, tanto o desenvolvimento biológico, quanto o domínio das práticas culturais existentes no nosso meio são imprescindíveis para a realização do acontecer humano. Este último, enquanto uma experiência que atravessa toda sociedade e toda cultura, não se caracteriza somente pela unidade do gênero humano, mas, sobretudo, pela riqueza da diversidade. (GOMES, 2007, p. 18)

Determinante como é na vida do indivíduo, a diversidade não deve, portanto, ausentar-se da escola já que também lá ela está presente. Ao tornar obrigatório o ensino de história da África e da cultura afro-brasileira, a lei 10.639/03 traz não somente a diversidade como ponto a ser discutido, mas como perspectiva de ensino, isto é, não vamos ensinar/aprender a cultura



afrobrasileira pela ótica eurocêntrica, vamos mesmo trazer à escola a ótica do africano e do afrodescendente. Dessa forma, esses sujeitos são colocados como produtores de saberes. Construir um currículo escolar que apreenda a diversidade sociocultural do nosso país é importante na medida em que torna o ambiente escolar propício à discussão, e posteriormente compreensão, e o acolhimento da diversidade.

Dentre as possibilidades de trabalhar a partir dessa perspectiva, nós como estudantes de Letras escolhemos o caminho da literatura, mais especificamente a mediação de leitura. Para ilustrar nosso entendimento sobre a importância da leitura citamos as palavras de Petit (2008):

[...] ler permite ao leitor, às vezes, decifrar sua própria experiência. É o texto que 'lê' o leitor, de certo modo é ele que o revela, é o texto que sabe muito sobre o leitor, de regiões dele que ele mesmo não saberia nomear. As palavras do texto constituem o leitor, lhe dão um lugar. (PETIT, 2008, p. 38)

A partir dessa percepção sobre a leitura, compreendemos que a mediação de leitura proporciona a crianças e jovens o encontro não só com o novo que se abre diante deles, mas com si mesmos. Aos escolhermos formar um repertório de histórias com a temática afrobrasileira, nos imbuímos da missão de apresentar novas histórias aos novos leitores, principalmente aos afrodescendentes, mostrando-lhes aspectos positivos da sua cultura. Motivou-nos também a situação crítica de desvalorização da cultura negra em nossa cidade, uma vez que esse tema é geralmente abordado no mês da consciência negra, ficando esquecido no resto do ano.

## **ESTÉTICA DA RECEPÇÃO E RELATO**

Compreendemos que não se deve considerar o leitor como uma tábua rasa onde o texto literário é depositado sem a preocupação de oportunizar ao sujeito receptor da história espaço para socializar os sentidos extraídos do objeto livro. É preciso entender o leitor como um ser socializado, inserido em um espaço, em um contexto histórico concreto, o que se transformará em mecanismos que o levará a interpretar o texto mediante suas próprias experiências cotidianas.

Se pensarmos o fenômeno literário como um processo dialógico, ou seja, baseado na comunicação, o leitor constituiria a pessoa a quem a literatura seria destinada, o que explica a sua grande importância dentro do sistema literário: autor-obra-leitor, visto que além deste receber a obra também é detentor do poder, ao lado da crítica literária, de torná-la viva, de



fazê-la transcender épocas ou não. Portanto leitor e leitura ocupam espaços privilegiados dentro dos estudos literários. Sobre a importância desses dois elementos Hans Robert Jauss (1994) afirma que:

A qualidade e a categoria de uma obra literária não resultam nem das condições históricas ou biográficas de seu nascimento, nem tão-somente de seu posicionamento no contexto sucessório no desenvolvimento de um gênero, mas sim dos critérios de recepção, do efeito produzido pela obra e de sua fama junto à posteridade. (JAUSS, 1994, p.8)

Então para Jauss o termômetro responsável por indicar que uma determinada obra literária é boa e digna de ser lida são os leitores que as recebem, sendo que o seu conteúdo ultrapassará épocas se tiver, também o poder de dizer algo para as gerações posteriores.

É baseando-se sempre no saber prévio, nas experiências de leitura e de mundo que cada leitor/a possui, pois compreendemos que o texto literário também é responsável por despertar as lembranças particulares, muitas vezes construídas no coletivo, extremamente necessárias para compreensão do que está sendo lido, que desenvolvemos nossas contações de histórias. É interessante ressaltarmos como o livro *A menina de barro* da escritora gaúcha radicada em Maceió Giannina Bernardes foi recebido pelos alunos/as da Escola Municipal Laura Pereira da Silva situada no município de União dos Palmares, mediante uma mediação facilitada pelo grupo de contação de história *Inverso*.

Como a história do aludido livro é baseada na enchente ocorrida em junho de 2010 nos estados de Alagoas e Pernambuco, sendo União dos Palmares uma das cidades atingidas, após a leitura resgatamos essa data, rememorando o que havia acontecido.

Para contextualizar: o livro conta a história de uma família que morava próximo ao rio Mundaú. Viviam do artesanato produzido a partir do barro. Tanto o pai quanto a mãe tinham a preocupação de ensinar aos três filhos, incluindo a menina que dá nome ao livro, o ofício para que mantivessem viva a tradição: “Desde cedo, recebiam pequenas porções de barro em suas miúdas mãos, aprendiam que ele é frio no primeiro toque, mas também é bom de apertar, que o calor das mãos o deixa molinho, podendo ser transformado em muitas coisas diferentes” (BERNARDES, 2013, p. 5). Com a chegada do inverno no mês de junho de 2010 a chuva foi tão intensa que fez o rio transbordar, destruindo tudo que encontrasse pelo caminho. A única forma que a família encontrou para se salvar, bem como os vizinhos, foi subindo nas jaqueiras próximas das casas, deixando para trás todos os pertences, que foram rapidamente levados pela água. No dia seguinte, a família foi levada para um abrigo. No caminho as três crianças retiraram do bolso bonequinhos de barro, foi quando tiveram a certeza de que poderiam continuar.



Muitas das crianças que estavam presentes em nossa mediação moravam/moram em ruas que foram tomadas pela enchente, então após a leitura foi o momento de ouvi-las. Falaram sobre o que tinham perdido; que foi preciso se abrigar nas casas dos parentes que não foram atingidos pela enchente, até os pais conseguirem se reestruturar novamente; que foram dias muito difíceis, de pura tristeza, mas ressaltaram que o importante é que estavam vivos e assim como a família da menina, puderam continuar. Foi um momento de profundo encontro e diálogo entre o livro e os leitores. Além de compartilharem a experiência da enchente também relacionaram a história da menina de barro com a comunidade quilombola Muquém mais precisamente a figura da artesã Irinéia Rosa Nunes da Silva, ressaltando que, assim como no livro, os moradores da referida comunidade também se abrigaram em uma jaqueira e essa imagem tinha sido eternizada em uma peça de barro produzida por Dona Irinéia. Isso só explica a afirmação de Zilberman (2006) de que a literatura sintetiza, por meio dos recursos de ficção, uma realidade, que tem amplos pontos de contato com que o leitor vive cotidianamente. Dessa forma por mais fantasiosa que seja história, esta sempre manterá contato com o mundo do leitor, possibilitando que este o conheça melhor. Sendo assim:

Intuitivamente, a criança compreenderá que tais histórias, embora irreais ou inventadas, não são falsas, pois ocorrem de maneira semelhante no plano de suas próprias experiências pessoais. Sua análise ressalta ainda que a finalidade dessas histórias é confirmar a necessidade de se suportar a dor ou correr riscos para se conquistar a própria identidade. O final feliz acena com esperança no fim das provações ou ansiedades (COELHO, 2002, p.57).

Apesar de União dos Palmares ser uma cidade histórica, cujas raízes culturais estão fincadas na luta e resistência do povo negro por abrigar em seu território o Quilombo dos Palmares, bem como a comunidade quilombola Muquém, poucos são os palmarinos que conhecem e apropriam-se da sua história. Por isso a necessidade de se trabalhar, cada vez mais, a literatura afro-brasileira com as crianças, adolescentes e jovens de nossa cidade.

Foi um dos motivos que nortearam a escolha do livro. Além da *Menina de Barro* retratar algo que foi vivenciado por boa parte da população palmarina, também é um livro que aborda aspectos da nossa cultura como: o artesanato feito a partir do barro que é o trabalho mais expressivo da comunidade quilombola Muquém; o território enquanto elemento essencial para a preservação da identidade negra e os personagens de cabelos crespos, olhos grandes, lábios volumosos, ou seja, personagens negros. É importante proporcionar as crianças, adolescentes, jovens negros uma história que trate de sua herança afrodescendente até para contribuir na afirmação de sua identidade racial, apresentando-lhes elementos que



# VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

despertem o orgulho de sua ascendência e não apenas se deter a mostrar o negro escravizado, o que, infelizmente, contribui para a construção de uma imagem negativa do seu próprio povo aumentando, dessa forma, o preconceito racial.

O trabalho desenvolvido com o livro *A menina de barro* possibilitou, as crianças que participaram da nossa roda de leitura, a construção de uma imagem positiva da sua ascendência e o desejo de conhecer ainda mais a sua história.

## **IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA PROMOÇÃO DA LEITURA.**

Falar da formação de leitores diante da realidade educacional do município de União dos Palmares, não é tarefa fácil. Ao refletir sobre o desprezo de muitos educandos com relação a leitura e a literatura, observamos que a raiz do problema não está correlacionada apenas a base familiar, mas a própria metodologia utilizada pelo professor em sala de aula.

Como as atividades do *Inverso* estão intimamente ligadas ao público do ensino fundamental, voltamos o nosso olhar para os educadores que lecionam em turmas desse referido grau de escolaridade a fim de descobrirmos o porquê de tanta resistência, por parte dos alunos, quando se trata do ato de ler. Constatamos que o trabalho com textos literários se resume aos estudos gramaticais, ou seja, utilizam-se de tais textos para o ensino das classes gramaticais e outros conteúdos, da mesma forma que a leitura literária fica aprisionada apenas aos textos do livro didático, o que é insuficiente, visto que o aludido livro não é atrativo e muito menos tem a mágica de despertar a imaginação do leitor, o que facilmente acontece quando o professor coloca o livro literário em cena. Sendo assim essa metodologia ultrapassada de se trabalhar a leitura não colabora para a construção de um público com perfil de leitor.

É importante salientar que quando se trata do livro didático o problema vai além do que foi posto. O espaço que a literatura detém no livro didático é mínimo, resumindo-se apenas aos estudos das estruturas de contos, crônicas e poesias. A discussão oferecida gira em torno da forma e não do conteúdo. Não há um trabalho efetivo com relação a leitura de textos literários e, infelizmente, muitos educadores se apoiam na justificativa de que não há tempo de estudar com maior aprofundamento e dedicação tais textos, já que a literatura não é uma disciplina isolada, é uma matéria associada a Língua Portuguesa. Dessa forma é mais relevante dedicar toda a carga horária ao estudo maçante da Língua Portuguesa do que organizar o tempo e cultivar da melhor maneira o trabalho com os textos literários, seja em



uma roda de leitura com ornamentação do espaço e interpretação das personagens mediante a voz, roupas e acessórios, seja na simples leitura, coletiva ou individual, dos textos.

Outros impasses visíveis, além do tratamento dado a leitura de textos literários em sala de aula, correspondem ao fato de muitos professores não serem leitores e, conseqüentemente desconhecem a importância da leitura para a formação intelectual e cultural do aluno em qualquer faixa etária, seja criança, adolescente ou adulto, visto que todos os livros literários tem como referência o período histórico-social do momento em que foi escrito e, sem dúvidas, o leitor irá se deparar com situações e, sobretudo, problemas sentidos e vividos cotidianamente. Não estamos nos referindo apenas a problemática do âmbito pessoal de lidar com pessoas individualistas, egoístas e torpes, mas principalmente daquelas ligadas ao âmbito social.

Além da contribuição na formação de leitores críticos, pensantes e questionadores da problemática social do meio no qual estão inseridos, a leitura de textos literários também cumpre com a função de fazer o leitor viajar por mundo de fantasias, da comoção, sentir as diferentes sensações provocadas pelo livro, o encantamento e conseqüentemente desperta o desejo de continuar habitando diferentes mundos cada um com sua essência. Segundo Lionel Bellenger:

Em que se baseia a leitura? No desejo. Esta resposta é uma opção. É tanto o resultado de uma observação como de uma intuição vivida. Ler é identificar-se com o apaixonado ou com o místico. É ser um pouco clandestino, é abolir o mundo exterior, deportar-se para uma ficção, abrir o parêntese do imaginário. Ler é muitas vezes trancar-se (no sentido próprio e figurado). É manter uma ligação através do tato, do olhar, até mesmo dos ouvidos (as palavras ressoam). As pessoas leem com seus corpos. Ler é também sair transformado de uma experiência de vida, é esperar alguma coisa. É um sinal de vida, um apelo, uma ocasião de amar sem a certeza de que se vai amar. Pouco a pouco o desejo desaparece sob o prazer (BELLENGER, Os Métodos de Leitura, p.17).

Partindo dessa premissa abordada por Bellenger de que dar para trabalhar a leitura literária sem o abandono do prazer, encontramos ideias afins em um importante nome da pedagogia, Paulo Freire. Esse aludido pedagogo em *A importância do ato de ler* provoca a discussão de que o ato de ler não pode ser encarado, exclusivamente, como mera decodificação da palavra escrita, mas que este ato se antecipa na linguagem do mundo. É preciso antes de tudo levar em consideração as experiências do educando, o contexto no qual este está inserido para que se possa despertar, com mais êxito, a promoção da leitura, já que é este o assunto em questão. Quando se trata da experiência que se materializa no ato de



relembrar os fatos vividos e da leitura do contexto antes mesmo da leitura da palavra, Freire, partindo de sua própria experiência, coloca que:

A retomada da infância distante, buscando a compreensão do meu ato de “ler” o mundo particular em que me movia e até onde não sou atraído pela memória, me é absolutamente significativa. Neste esforço a que me vou entregando, re-crio, e re-vivo, no texto que escrevo a experiência vivida no momento em que ainda não lia a palavra. Vejo-me então na casa mediana em que nasci, no Recife, rodeada de árvores, algumas delas como se fossem gente, tal a intimidade entre nós, à sua sombra brincava e em seus galhos mais doces à minha altura eu me experimentava em riscos menores que me preparavam para riscos e aventuras maiores. (FREIRE, 2005, p.14).

É refletindo as ideias de Freire que percebemos a importância de romper com a prática pedagógica tradicional que não considera as experiências do mundo particular de cada aluno, trazidas por este para o espaço da sala de aula, o que contribui de maneira significativa para a ausência da relação entre livro e leitor. Compreendemos que o educando precisa, antes de tudo, se encontrar na produção que está sendo lida, caso contrário não há a possibilidade de se envolver de maneira mais intensa com leitura e muito menos sentirá vontade de se envolver com a leitura literária.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência com a mediação de leitura, especificamente com a história “A menina de barro” nos conduziu, enquanto mediadores, ao desafio de despertar o gosto pela leitura e fomentar discussões sobre identidade. Ao escolher essa história, que retoma um capítulo tão difícil na vida dos palmarinos, buscamos reelaborar essa experiência através da literatura e abordar aspectos constituintes da identidade palmarina, tais como a existência do Quilombo dos Palmares e de uma comunidade remanescente de quilombos. É necessário dizer que apesar da existência desses dois monumentos de resistência, um no passado e outro no presente, a cultura afrobrasileira enfrenta em nossa cidade ora a indiferença, ora a hostilidade e sempre a incompreensão. Nossa iniciativa nasceu, portanto, do desejo de alterar esse cenário. Reconhecemos, entretanto, os nossos limites, uma vez que a mediação de leitura é uma atividade pontual. Entendemos também que ações como essa, mesmo que pontuais, têm o potencial de desvelar para os novos leitores um mundo de possibilidades literárias e identitárias.



**VI ENLIJE**

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BALLENGER, Lionel. **Os métodos de leitura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

BERNARDES, Gianinna. **A menina de barro**. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2013.

COELHO, N. N. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: 2002.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**.

JAUSS, Hans Robert. **A Estética da Recepção: colocações gerais**. In.: LIMA, Luiz.

GOMES, Nilma Lino. **Indagações sobre currículo: diversidade e currículo**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 9º ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. São Paulo: Ed. 34, 2008.

ZILBERMAN, R. **Literatura infantil: livro, leitura, leitor**. In: \_\_\_\_ (org.), *A Produção Cultural para a Criança*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982